

BEBÊS QUE VIVEM NA PRISÃO

Marina Davoglio Tolotti¹, Tércia Rita Davoglio², Daniela Canazaro de Mello³, Gabriel José Chittó Gauer⁴ (Orientador)

¹Faculdade de Psicologia, Bolsista BPA/PUCRS, ²Doutoranda em Psicologia/PUCRS, bolsista CAPES, ³Doutoranda em Ciências Criminais/PUCRS, ⁴Programa de Pós Graduação em Psicologia e em Ciências Criminais/PUCRSs, bolsa produtividade CNPq CNPq 300659/2010-5

Resumo

Introdução

Um estudo atual sobre as mães que vivem com seus filhos em regime prisional fechado revelou que 51% das prisões femininas brasileiras com berçários possuem locais improvisados para as crianças, geralmente, restritos às próprias celas (ARMELIN; MELLO; GAUER, 2010; MELLO, 2010). Possivelmente, as crianças são afetadas por essa realidade, uma vez que o espaço é dividido com outras mulheres e seus filhos e o ritmo de sono, alimentação e choro das crianças acaba por ocasionar desavenças e estresses.

O modo como as mães administram e percebem as demandas físicas e psicológicas do filho neste espaço, muito distinto do lar tradicional, tende a se evidenciar na interação mãe-bebê que está sendo construída. Segundo a literatura, filhos de mães encarceradas apresentam maiores vulnerabilidades no desenvolvimento, incluindo reações de separação e apego inseguro, atrasos cognitivos (POEHLMANN, 2005) e problemas de comportamento (HAGEN; MYERS; MACKINTOSH, 2005). Nesse sentido, Stella (2006) refere que as consequências do aprisionamento materno na vida dos filhos é um problema social praticamente desconhecido pela literatura especializada, pelos profissionais da área e pela população como um todo.

Este estudo integra a pesquisa interdisciplinar intitulada “Infância confinada ao cárcere: A percepção das mães apenadas e o desenvolvimento psicossocial das crianças”. Envolve os Programas de Pós Graduação em Ciências Criminais da Faculdade de Direito e Pós Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia inserido no BPA/PUCRS/2011. A temática geral do estudo centra-se na relação da mãe apenada com o filho que vive

conjuntamente no cárcere. Sob o foco da Psicologia, este estudo tem por objetivo conhecer os padrões de manejo e enfrentamento de situações cotidianas e intrínsecas à relação mãe-bebê, nas díades mãe-filho encarceradas, a partir do relato materno.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa transversal de delineamento misto. Os dados estão sendo coletados na Unidade Materno Infantil da Penitenciária Feminina Madre Pelletier, Porto Alegre/RS, com todas as díades mãe-bebê reclusas no cárcere durante o período da coleta, de março a setembro de 2011, que aceitem voluntariamente participar do estudo. As entrevistas realizam-se com as mães nas dependências da instituição prisional, por um psicólogo treinado. Durante a entrevista é preenchido o questionário semi-estruturado, abordando, além de dados sociodemográficos e penais, temas referentes às rotinas intrínsecas à relação mãe-filho, envolvendo aspectos tais como: sono, alimentação, linguagem, hábitos de higiene, interação social, vinculação afetiva, lazer e problemas de saúde da criança.

Os dados qualitativos serão analisados através da análise categorial de acordo com Bardin, o qual consiste em operações de desmembramento do texto em unidades com o intuito de descobrir os diferentes núcleos de sentido que constituem a comunicação e, posteriormente, realizar o seu agrupamento em classes ou categorias. Os dados quantitativos estão sendo analisados por meio de técnicas estatísticas variadas, descritivas e inferenciais, através do SPSS, versão 18.0.

Este estudo foi aprovado pela Comissão Científica da Faculdade de Direito e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS e pela Direção da Instituição onde será realizado o estudo. Segue, portanto, também todos os procedimentos éticos recomendados pela comunidade científica, quanto à confidencialidade das informações e do consentimento expresso, livre e esclarecido de cada participante.

Resultados e Discussão

Os resultados atuais são parciais e envolvem apenas os dados quantitativos já coletados, entre maio e junho de 2011. Até o momento foram entrevistadas onze mães, com idade média de 25,3 anos (DP=6,78). A maioria não concluiu o ensino fundamental (62,5%), é solteira (72,7%), cumpre pena por tráfico de drogas (63,6%) e 90% admitem ter consumido drogas durante a gestação. Todas as mães deram à luz durante o encarceramento, sendo a idade média dos onze bebês de 5 meses (DP=2,09), variando entre dois e nove meses. Dos oito bebês que estavam com menos de seis meses no momento da entrevista, apenas dois

continuavam sendo amamentados no peito. Do total de bebês, 72,7% nunca saíram da penitenciária.

Os dados sociodemográficos das mães encarceradas são consistentes com os descritos na literatura, sendo jovens, solteiras, com baixa escolaridade e, em geral, cumprindo pena por tráfico de drogas (BRASIL, 2007). Já os dados oficiais disponíveis sobre a situação das crianças que permanecem junto às mães são escassos, limitando a possibilidade de comparações. Observa-se que o período de amamentação praticado é muito inferior ao recomendado pela Organização Mundial da Saúde, podendo-se inferir suas implicações para o desenvolvimento físico e emocional do bebê, considerando a importância do mesmo para a constituição psíquica e dos vínculos afetivos. Além disso, os bebês deste estudo quase não mantêm contato com o mundo externo ao cárcere, restringindo seu processo de socialização e interação afetiva ao ambiente carcerário e a figura materna.

Conclusão

Os resultados atuais, embora incipientes, trazem à tona o relevante debate acerca da realidade dos bebês que residem nas penitenciárias e as implicações para seu desenvolvimento biopsicossocial. Além de ser uma situação complexa em si mesma, envolve também um previsível e precoce rompimento do vínculo mãe-bebê quando ao final do período legal estabelecido para a permanência do bebê junto à mãe no cárcere. Espera-se que pesquisas dessa natureza possam abrir novas perspectivas para o melhor enfrentamento das questões que se impõem.

Referências

- ARMELIN, B. D. F.; MELLO, C.D.; GAUER, G.J.C. Filhos do Cárcere: Estudos Sobre as Mães que Vivem com seus Filhos em Regime Fechado. **Revista da graduação-PUCRS**. Vol. 3, Nº 2 (2010).
- BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Relatório Final**. Reorganização e Reformulação do Sistema Prisional Feminino. Brasília, DF, 2007.
- HAGEN, K. A.; MYERS, B. J.; MACKINTOSH, V. H. Hope, social support, and behavioral problems in at-risk children. **American Journal of Orthopsychiatry**, Vol. 75 (2005), pp. 211–219.
- MELLO, C. D. **Aprisionamento de Inocentes: O Encarceramento dos Filhos de Mães Presas**. Porto Alegre: PUCRS, 2010. (Trabalho de Conclusão de Curso), Faculdade de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.
- POEHLMANN, J. Children's family environments and intellectual outcomes during maternal incarceration. **Journal of Marriage and the Family**. Vol. 67 (2005), pp. 1275–1285.
- STELLA, C. **Filhos de mulheres presas: soluções e impasses para seus desenvolvimentos**. São Paulo: LCTE Editora. 2006.